

AS RUAS E PRAÇAS DA CIDADE: Uma reflexão sobre Zc 8,1-8

*Norberto da Cunha Garin**

Introdução

Os projetos de mundo estiveram associados, na antiguidade bíblica, ao campo ou à cidade. Como a terra era o principal meio de produção (Ex 3,8), boa parte dos projetos esteve associada à vida rural e se dividiam em projetos pastoris e projetos agrícolas. Como exemplo, os povos (ou tribos hebreias) que chegaram à Palestina central no século XII aC traziam consigo gado miúdo (Ex 25,4; 26,7). Encontraram na terra agricultores ligados a cidades-estados, um projeto mundo bem distinto (Js 2,15; 6,3; 10,1). Com o passar do tempo se estabeleceram na “Terra Prometida” onde se organizaram sob a liderança de monarcas que habitavam cidades importantes (2Sm 5,9). Ao lado do projeto rural nasceu o projeto urbano e a cidade, na literatura bíblica, assumiu um caráter sagrado (Nm 11,1).

No coração dos judeus ainda habitavam os dois projetos de mundo. Por um lado estava o projeto rural, resgatado do fundo da memória e ligado a uma experiência democrática de administração. De outro lado, estava o projeto de monarquia, ligado à cidade e sob a inspiração de Davi, idealizado como o maior rei da história de Israel.

A profecia de Zc 8 está localizada entre outubro e novembro de 520 aC, período da reconstrução do segundo Templo de Jerusalém (520-515). Dario I¹ assumiu o reinado persa em 521 e reorganizou a administração. A Síria e a Palestina foram agrupadas para formar a Quinta Satrapia. A percepção é de certa tranquilidade, mas inquietante: aguardava-se, para qualquer momento, um abalo anunciando novos tempos (Ag 2,6). É neste cenário que encontramos a proposta de Zacarias com a sua visão centrada na cidade e com o ideal de ver no trono um novo Davi (o Rebento).

As visões noturnas

A consolação

O livro de Zacarias inicia com um conjunto de visões noturnas (1,8). Ele percebeu que havia uma irritação em Javé por causa dos ouvidos moucos dos judeus (Zc 1,6). Nas suas visões, o profeta anunciavam diversas ações do Senhor em benefício de Jerusalém. Na primeira visão, a dos cavaleiros (1,7-17), o anjo tinha “boas palavras”, “palavras consoladoras” que anunciavam a irritação de Javé contra as nações “tran-

* Norberto da Cunha Garin, professor da Rede Metodista de Educação do Sul. ncgarin@terra.com.br

1. *Daryawesh*: o que possui a bondade.

quilas” bem como anuncia a eleição de Jerusalém como cidade eleita de Javé. Nota-se aqui o primeiro sinal do projeto de Zacarias.

A proteção

Na segunda visão, a dos chifres e ferreiros (1,18-21), os chifres representavam as nações que derrotaram Israel, dispersar Judá e Jerusalém e os ferreiros representavam aqueles que vieram para abater as nações que fizeram mal a Jerusalém. Na terceira visão, a do medidor (2,1-5), o anjo prometia proteção a Jerusalém que ficaria sem muros por causa da grande multidão. Uma particularidade de Zacarias² é que a expressão “Terra Santa” (2,16) aparece aqui pela primeira vez na literatura bíblica.

O perdão

Na quarta visão, a da veste de Josué (3,1-10), Javé perdoava o pecado de Jerusalém e anunciava a reconstrução do novo Templo³, bem como a chegada do “Rebento”⁴. A quinta visão, a do lampadário e das oliveiras (4,1-14), o anjo anunciava os dois unguentos para Jerusalém: Josué, poder espiritual e Zorobabel, poder real.

Os ladrões e mentirosos

Na sexta visão (5,1-4), o anjo mostrava um enorme livro⁵ que voava e anunciava a expulsão (e destruição) dos pecadores constituídos dos ladrões e dos mentirosos. Na sétima visão (5,5-11) o anjo mostrava um alqueire com uma mulher sentada dentro dele, em um disco de chumbo. A mulher simbolizava a iniquidade que era levada embora para a Babilônia: a terra dos pagãos.

A mitologia babilônica

Na oitava visão (6,1-8) o anjo mostrava quatro carros que saíam de duas montanhas, simbolizando a entrada dos deuses, segundo a mitologia babilônica. Os cavalos pretos, que saíam para a terra do norte, faziam descer o espírito de Javé, que anunciava a reconstrução do Templo, numa intervenção direta de Deus. Na sequência o profeta escutava a palavra de Javé (6,9-15), que lhe ordenava construir uma coroa destinada a Josué⁶, o sumo sacerdote do Templo. Ele era identificado como o Rebento, título messiânico (Jr 23,5).

2. *Zakaja*: Javé se lembrou (de sua promessa).

3. Simbolizada na pedra.

4. Rebento ou Renovo é anunciado no Cântico de Zacarias (Lc 1,78) como “sol que se levanta”. Cf. tradução grega.

5. Dimensões do livro semelhantes ao do Templo de Salomão (1Rs 6,3).

6. A constatação é de que, originalmente, a coroa seria para Zorobabel; a substituição do nome acontece mais tarde em função da importância do sacerdócio do Templo.

O novo jejum

A ira de Javé seria aplacada através de um jejum ritual (7,1-3), representando a memória da destruição do Templo em 587 aC. Javé salientava que tanto o jejum quanto as festas foram, no passado, por interesse próprio e não por causa dele (7,4-13). Há uma recordação do Código da Aliança (9-10; cf. Ex 22,20-21) e o texto encerra-se com a recordação do castigo que Jerusalém sofreu por causa do seu pecado (7,14).

O conjunto de consultas sobre o jejum (7,1-3) e a resposta do profeta em nome de Javé (7,4-14), retomava os jejuns rituais e os banquetes de antes do desterro (7,4-7). A narrativa da lembrança da lei, que foi desprezada no tempo da bonança (7,8-10) e a recordação do julgamento de Judá (7,11-14), anunciava o novo tempo, quando a prática da justiça e a guarda da Lei deveriam ser observadas (8,1-17). A resposta à questão do jejum, neste novo momento, era dada com a perspectiva da festa pelo retorno dos exilados (8,18-19) e pelo anúncio de Jerusalém como cidade, que receberia todas as nações (8,20-21), e de Javé, que se tornaria o Deus do mundo (8,23). Os novos tempos, anunciados sob o impacto de estrondoso abalo (Ag 2,6), estavam chegando. A mensagem do profeta anunciava esta chegada pelo horizonte da cidade (e Templo): local da reunião de todos.

A lentidão com que as obras eram executadas pode ter como causa o estado miserável das populações devastadas do entorno. A situação prejudicada dos repatriados (Zc 3-8) caracterizada por colheitas prejudicadas, vida moral precária, impaciência e brigas entre a população não conseguiram, entretanto, desmontar a esperança da restauração.

O Templo pouco significava para esta gente que havia ficado abandonada na terra (Ag 1,2). As obras emperradas também eram consequência da crise enfrentada por Dario I, combatendo o impostor de seu irmão mais novo, Bardiya. Com o restabelecimento da paz, as visões noturnas de Zacarias tinham como alvo reanimar as populações a fim de que retomassem o andamento da obra. Zacarias e Ageu aguardavam a chegada do Reino de Deus, que, para ambos, passava pelo Templo. As expectativas pela reconstrução do Templo e, por conseguinte, da cidade, eram de tal sorte que a visão de Zacarias em relação à construção das coroas (Zc 6,11) demonstrava a impaciência do profeta pela chegada do reino.

A nova aliança

Zacarias é de família sacerdotal. Portanto, sua visão messiânica passava, necessariamente, pela reconstrução do Templo. O oráculo do profeta iniciava com a declaração de que Javé tinha muito ciúme de Jerusalém. Isto era tão evidente que o oráculo repete duas vezes esta afirmação (8,2). A sequência do texto anunciava o retorno do olhar divino sobre a cidade, cuja promessa batizava-a com o nome de “Cidade Fiel” e o monte Sião tomaria o nome de “Monte Santo” (8,3). A praça da cidade seria habitada pelas antigas gerações que contemplariam o novo momento (8,4). Da mesma forma, estas mesmas praças seriam compartilhadas pelas novas gerações que, alheias ao olhar dos velhos, brincariam alegres (8,5). As visões eram corroboradas com o questio-

namento de Javé sobre a condição da sua alegria dependendo da alegria do restante de Judá (8,6). A visão encerra-se com a reafirmação da aliança (8,7-8) repetindo Ex 29,45 e outros tantos textos⁷.

A cidade

A proposta de restauração anunciada por Zacarias em 8,1-8 é a da centralização na cidade, mais especialmente no Templo. O reconhecimento de Jerusalém como cidade santa e de Sião como a montanha sagrada balizavam os elementos da reconstrução. Além de retomar o modelo de Is 1,26-27, referia-se a Jr 31,21-22 como local onde o amor de Javé se manifestava a sua filha rebelde. Neste contexto, a centralidade de Sião tinha o propósito de evitar a dispersão do culto por vários outros locais. A preocupação era a de não permitir a retomada dos cultos aos ídolos, presentes na Babilônia bem como na terra abandonada. A visão da praça (4 e 5) sinalizava a alegria de um novo tempo de liberdade reconquistada. Ela só seria possível pela presença do Messias (6,12), que na pregação de Zacarias tentaria conciliar o projeto dos antigos judeus que ficaram na terra com o projeto dos repatriados, que pensavam no retorno do reinado de Davi. Sobretudo, apontava para uma população numerosa em Jerusalém⁸, símbolo da bênção de Javé. Nesta visão da praça, a morte e a exploração estavam afastadas, pois agora Javé mais uma vez perdoaria os pecados do povo (8,3). Inscreviam-se nesta visão duas expectativas: a primeira seria a ausência da cobrança de tributos, que vigorara no reinado de Davi e a segunda seria o fim da dominação estrangeira estabelecida pela presença de um rei forte.

Os bancos das praças da cidade visionária se encheriam de velhos e velhas (8,4). Antes choravam diante da visão da ruína da Jerusalém destruída (Esd 4,15; cf. Lm 2,10-12). Agora sentavam-se para contemplar outra visão. Eram testemunhas do passado que se fazia presente apenas na lembrança das antigas gerações. Assim como Moisés teve a visão da Terra Prometida, onde a propriedade de cada tribo era mostrada uma a uma (Dt 34,4), os anciãos das praças da cidade reconstruída tinham a visão das crianças brincando, que constituiriam a nova geração urbana. Seria ao redor do Templo de Jerusalém que se reconstruiria Israel.

Na cidade reconstruída, a população iria se multiplicar pela chegada de uma nova multidão de crianças que encheriam as praças de meninos e meninas a brincarem (8,5). As lágrimas dos anciãos do passado (SI 42,3) seriam enxugadas no rosto dos anciãos do presente.

Traça-se um paralelo entre a antiga aliança selada com o primeiro Patriarca. A multiplicação da descendência de Abraão poderia ser contada como se contavam as estrelas do céu (Gn 15,5). A primeira aliança firmada com Abraão prometia uma grande nação e uma descendência numerosa. Com Moisés falava-se de uma terra que manava leite e mel. Agora, não mais a Terra Prometida para os antigos agricultores de Ca-

7. Alguns: Dt 7,6; SI 51,3-4; Jr 7,33; Ez 11,20; 36,25.

8. Durante o exílio, a população da terra tinha sido dizimada.

naã. O tempo novo apresentava uma cidade de ruas e praças, num cenário urbano, e, bem no meio dela, o Templo. A promessa de Javé para os repatriados apontava para uma cidade, onde anciãos e crianças brincariam em paz nas praças.

Este era o projeto da cidade, da centralização, de Jerusalém, do Templo, dos sacerdotes. Era o projeto que no passado já tinha se mostrado inconveniente visto que colocava nas mãos da monarquia e da classe sacerdotal o poder de decisão. Era contrário ao projeto da formação do povo, da “confederação de tribos”⁹ vigente por volta do século XII aC no qual o vínculo com a terra cultivável era um sinal da bênção divina (Ex 3,7.17; Js 5,6). Neste projeto das tribos as decisões eram descentralizadas e tomadas em assembleias democráticas (Js 24,14-25). Também é necessário considerar que o projeto da confederação de tribos também se tornou obsoleto a partir de um determinado tempo. Os ataques dos bandoleiros e saqueadores dizimavam o gado e aniquilavam as colheitas (1Sm 11,7). Como os seus vizinhos, o povo recorreu à eleição de um rei que liderasse o exército na batalha (1Sm 11,15).

Neste novo projeto, as figuras do sacerdote e do rei animavam os seus partidários, mas nem por isto preenchiam as esperanças do povo que havia ficado na terra durante o desterro na Babilônia. Este povo havia sofrido durante o tempo do exílio tanto ou mais que aqueles que tinham sido exilados. Eram como se tivessem sido exilados em sua própria terra, dizimados por diversos atos de violência típicos da falta de proteção pública. Na memória ainda estavam as chagas dos longos anos de abandono, saques, dizimações e mortes. Não queriam repetir o mesmo erro do passado e por isso não se animavam com o novo projeto urbano. Este projeto também não respondia aos anseios do grupo que considerava mais importante o restabelecimento da justiça e a reconstrução da herança (Is 66,1-3).

Por outro lado era também o projeto que alimentava a esperança de um messias, que mais tarde foi atribuída a Jesus em escritos mais recentes (Jo 1,41; 4,25). Contudo, o testemunho teológico dos evangelhos nos permite perceber que Jesus não se enquadrava nos padrões concebidos do que seria o messias pós-exílico. Entre eles estão os relatos sobre a relação dele com o Templo¹⁰ como Mt 5,12 onde Jesus declara ser maior que o Templo, ou em Mt 20,12 quando expulsa os vendilhões. Outro exemplo característico está em Jo 2,13-21 quando se refere ao Templo como uma construção que deveria ser derrubada.

Cabe uma questão relevante: qual dos dois projetos tem melhor aceitação hoje? Uma outra questão pode ser levantada: é necessário escolher entre um e outro projeto? Ainda hoje campo e cidade mantêm suas características próprias e seus habitantes, visões distintas. Na medida em que formos capazes de entender a reciprocidade entre ambas e a complementaridade que pode acontecer, é possível ter a visão da paz. As ruas e praças das cidades poderão se encher de velhos e de crianças alegres desde que

9. GARIN, Norberto da Cunha. *Os ditos tribais no culto centralizado de Israel*. São Leopoldo: EST/IEPG, 1993, 17.

10. Ainda que o Templo contemporâneo de Jesus seja uma outra construção, financiado por Herodes, Imperador Romano, o símbolo é o mesmo para os judeus da época.

os moradores do campo possam ter a recompensa de seu penoso trabalho. Quando isto for possível, a alegria do morador da cidade corresponderá à satisfação do morador do campo, que terá a visão da significação de seu valor.

A certeza que podemos ter é a de que Deus se maravilhará com a alegria de seus fiéis, quer se encontrem nas ruas e praças, quer se encontrem no meio do campo. A condição necessária é a alegria de todas as pessoas.

Norberto da Cunha Garin
negarin@terra.com.br

Bibliografia

AMSLER, S.; ASURMENDI, J.; AUNEAU, J. MARTIN-ACHARD, R. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

CASTRO, Clovis Pinto de. *O ministério dos profetas no antigo testamento*. São Paulo: Metodista, 1993.

GARIN, Norberto da Cunha. *Os ditos tribais no culto centralizado de Israel*. São Leopoldo: EST/IEPG, 1993.

GORGULHO, Gilberto. *Zacarias: a vinda do messias pobre*. São Paulo: Imprensa Metodista; Sinodal; Vozes, 1985.

NOTH, Martin. *História de Israel*. Barcelona: Garriga, 1966.